

-26800...  
e Estr...  
imo...  
nem...  
não...  
colab...  
olice...



# Correio de Misa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA  
Director - ABEL MONTEIRO



Redacção e Administração: Praça da República, N.º 2 - NISA

## O CASO PORTUGUÊS **Tribuna Livre**

XV

Franquêza e discreção

I  
Praedica verbum opportune (S. Paulo a Timóteo)  
Pelo ENG.º FERNANDO PEREZ DURÃO

**H**avemos de ser um pouco longos porque fariamos agravo às cousas grandes de que há muito que dizer, quando delas disséssemos pouco.

Das queixas que, por aqui e por ali, se houverem contra grêmios, sindicatos, intendenções ou organismos similares, tiram muitos, de ânimo leve, a conclusão de que o regime que os criou faliu na sua experiência ou enferma de erros de doutrina. Outros, com propósito intuitivo, dessas queixas fazem bandeira de combate.

Nem faliu na sua penosa experiência—dizemos penosa por não felizes e desculdosos dias vividos—, nem enferma de erros de doutrina, que esta, com outras designações e aspectos, foi tendência insita da grei a plasmar-se desde os alvôres da nacionalidade e, se se mostra timidamente durante a primeira dinastia, apoiou forte com «os homens bons e dos mestres» que fizeram, com o Mestre de Avis, a revolução salvadora do final do déclimo quarto século. E vêm até o primeiro quartel do passado século, servindo, e bem, o povo e, consequentemente, a Nação.

Nem doutro modo podia ser se atendermos à própria essência da doutrina corporativa, lado a lado com a lei de solidariedade cristã, e o caracter religioso que as Corporações tiveram sempre até a sua extinção entre nós no ano de 1834.

Tão nossa, tão portuguesa na significação e no intento essa doutrina, não foi modêlo estranho de importação, como querem fazer acreditar os que não conhecem o assunto.

Não! tem raízes sólidas nos costumes portugueses e foi com ela, de fundo acentuadamente cristão, que fizemos o Portugal do Império!

Circunstâncias ocasionais — a crise espanhola e a segunda guerra mundial — forçaram alguns dos organismos do actual sistema corporativo português a afastarem-se da sua verdadeira função para tomarem a função de defesa contra a especulação própria dos períodos anormais, evitando a escassez total dos géneros de primeira necessidade, o preço desmedido dos mesmos e o escoamento para além fronteiras do que a todos seria indispensável!

Mas com essa sua feição levantaram contra si as más vontades, os ódios dos que «preju-

dicavam» em sua ganância, e a incompreensão injustíssima da grande massa, daqueles mesmos a quem serviam.

Ainda não há muito dizia Salazar, no seu discurso de 23 de fevereiro, do valor da campanha oposicionista com o seu «leit-motivo» da falência do regime corporativo: «...O inimigo tirou das dificuldades momentâneas e da carestia da vida o seu único argumento para bater a organização corporativa em conjunto e sentiu-se apoiado contra um regime de disciplina e ordem, nessa espécie de mitos verbais com que a Europa, à falta de trigo, está enganando a fome».

Vem atalhar-me a propósito estas considerações em que—como nos ensina a lógica forte de Camilo—o debate é sereno, por que a verdade nem se altera nem ira, quando argumentas, a ideia da falta duma consciência corporativa que é mister reconduzir ao caminho da justa compreensão duma doutrina onde há tópicos hoje deslebrados e, por isso, merecem trazer-se à colação.

À falta dessa consciência corporativa atribuímos nós, mais que aos erros dos homens ou da doutrina, algumas razões de queixa que se ouvem por aqui e por ali.

Haverá melhores juízos de parecer diferente: o nosso é este...

Dos proplemas instantes que houve necessidade de atacar — e tantos êles eram! — um, a formação da consciência corporativa, diremos melhor, o ressuscitar da consciência corporativa, tornaria morosa a obra de renovação da vida económica, social e política da Revolução Nacional.

Assim, como essa morosidade na formação da consciência corporativa poderia agravar o estado agudo de muitos problemas impostos pelos imperativos da nossa época, houve necessidade de criar as corporações antes do ressurgimento dessa consciência, principalmente nas corporações de caracter económico, pois os outros, afigura-se-nos, seriam mais fáceis de reintegrar nos princípios informadores do ideal corporativista.

Pelas suas características funcionais diferenciadas foi diferente, também, o modo como se comportaram ante a investida do liberalismo e da democracia niveladora. Quanto mais

arreigada e consciente a confiança no seu valor funcional, menores os estragos produzidos por essa investida geral, tão violenta quão precipitada, pois o liberalismo, mal dera os primeiros passos, já notava a falta que as Corporações viriam a fazer em muitos e muitos sectores da vida da Nação.

Ao estudarmos essa época logo notamos que três corporações — podemos chamar-lhe assim—houve, a militar, a da instrução e a religiosa, que mantiveram o seu espirito tanto quanto possível independente e distinto através de todas as vicissitudes do passado século, conservando e criando elites respeitadas e de que os governos necessitaram para se manter e impor à massa geral do País.

Mas as corporações económicas, corporações do trabalho, sofreram uma destruição completa, total, e a sua consciência—aliás excelente—foi adormecida com fantásticas e sedutoras promessas de liberdade e igualdade infinitas, suggestionantes por se dirigirem à vaidade humana e à natural aspiração do indivíduo se elevar a uma condição social acima da que lhe estaria reservada.

Era inevitável essa sedução, tudo se conjugava para a fazer triunfar: as promessas mais extraordinárias e os imperativos de então.

O liberalismo e, após, a democracia, disseram ao homem tornado individuo isolado: «tu és soberano e pelo sufrágio universal, no Parlamento, governarás a Nação!»

Foi então, precisamente, que o homem esteve, como jamais estivera, afastado do Estado, isolado do Estado e, pior ainda, em luta com o Estado. Sim, o Estado tornado servidor do Capitalismo — consequência lógica dos princípios liberais e democráticos: livre concorrência, livre cambismo, livre arbitrio, etc. —, Estado policia apenas, e mesmo assim de fracos recursos, afastado da vida da Nação, sem idealismo—não se lhe reconhecia, pois o Estado devia ser neutro — que o orientasse e orientasse as nossas populações, assistia impotente, pela sua própria essência e consequente orgânica, à marcha impetuosa dessa livre concorrência, desse livre cambismo, que arrastaram as várias classes sociais, principalmente as de

(Conclui na pág. 2)

*Qualidade assaz rara quanto apreciável, a franquêza quando excessiva torna-se má-criação ou indiscreção.*

*Os malcriados deste género abundam e não interessam.*

*Mas existe outra qualidade de individuos, mixtos de canduras e de importunação, que, passada meia hora depois de nos conhecerem, já disseram quanto possuem; quanto gastam, o que hão-de vir a lêr, as doenças de que padecem, o que comeram na véspera e a côr das ceroulas que vestiram no dia do casamento!*

*São como as lojecas de aldeia, na comparação de Abel Bonnard, onde tudo o que não há se encontra nas prateleiras, à vista do freguês.*

*Proverbial no sexo feminino... nem sempre a tagarelice, quando toma o freio nos dentes, embriaga ao som das próprias palavras que muitas vezes já não podem, infelizmente, ser recolhidas...*

*Devemos dizer sempre o que deve ser dito*

*Mas que necessidade há de dizer o que não interessa ou mesmo molesta os outros, a que pode deixar de ser dito?*

*Assim como gostamos de conduzir um motor que tenha sempre de reserva uma parte da sua potencia, mesmo nas subidas mais íngremes, apreciamos ouvir os homens que, por serem discretos, não deixam de ser francos por não dizerem quanto sabem, mesmo nas ocasiões mais embaraçosas.*

*Mas este self-contrôle, como dizem os ingleses, só a poucos é dado exercê-lo na nossa raça: aqueles, precisamente, que possuem a reserva necessária para não dizer tudo! Como se lê nas entrelinhas, também na conversação se apreende o que se não diz, também as reticências e os silêncios são significativos.*

*Haveria ainda a considerar a espécie hedionda dos que não desembucham mesmo nada...*

*Enquanto os tagarelas, que a princípio podem a impressão de ser cultos ou de ter a propósito, por servir-se muitas vezes dos mesmos «discos», acabam por tornar-se maçadores e dão repetidas provas de ma-*

Conclui na pág. 2

ma lá cerejas...  
A moda tem coisas das extraordinárias e imprevistas, principalmente modas das senhoras. Hoje os cabelos, amanhã vestidos; agora, a côr meais; logo, o talhe-dos meais; às vezes os tons rantes das pinturas; oulma, a disposição simétrica a pesranas. Coisas que, em, dão movimento no estuo, e à industria e ABALH. Antón, passaram anos, devem tamente, tornar mais fundas as rugas e menos do o senso comum.  
No entanto sucessos tais datam de ontem; são igos, quer nos homens r nas mulheres. De fac neste assuntos, como em todos, entram sempre e elas. Quem se dê ao alho de percorrer as lmas duma historia do veritica, sem grandes ondas de investigações complexos feitos, os complexos feitos, extraordinarias modifi- que, durante secu- tem sofrido o vestuario ano.  
Desde o nú integral do até ao nudismo cado antes da recente que meteu na ordem a evolução rápida e «madamas» aquisição precipitada; de o gibão de Vasco da na até ao casaca do «Pi- ro Maluco» infelizmen- alecido; desde a saia rada até à saia balão; de as calças largas dos até às saias-calção mulheres, de tudo se por isso mesmo, é que se estranha quanto das, tanto delas, como  
Em assun- de visão, a moda anda- facto atrazada. E, tal- por isso mesmo, o rei- que deve ser tam- rei da pouca vergo- creta agora, consul- seus ministros do da industria, da e da loucura, ins- com categoria de enciários, em Sodo- bilhão, que as mu- errem as palpebras, uma especie de fencia? sentido horizontal. vez os homens, o mesmo decreto, manter os olhos ca- mais redondos e...  
A verdade já tinha qualquer coisa de o nario nos olhos de piscaretas, semi- assim como os quando defrontam o  
me passaria esta coisa ex- na pág. 2

# ANTOLOGIA

## Sonho Oriental

Por ANTERO DO QUENTAL

Sonho-me às vezes rei, nalguma ilha,  
muito longe, nos mares do Oriente,  
onde a noite é balsâmica e fulgente,  
e a lua cheia sobre as águas brilha.

O aroma da magnólia e da baunilha  
paira no ar diáfano e dormente.  
Lambe a orla dos bosques, vagamente  
o mar, com finas ondas de escumilha...

E, enquanto eu na varanda de marfim  
me encosto, absorto num cismar sem fim,  
tu, meu amor, divagas ao luar

do profundo jardim pelas clareiras,  
ou descansas de baixo das palmeiras,  
tendo aos pés um leão familiar.

## O caso Português Toma lá cerejas...

(Continuação)

carácter económico que a democracia dizia nivelar pela *quiditas* — triste irrisão! — para a mais negra das condições que só encontram paralelo nas classes escravas da antiguidade.

E se notarmos também que os preconceitos jamais foram tão exagerados, e tão diminuídas e aviltadas as condições do trabalho das humildes profissões, abrindo-se o trágico caminho para a luta de classes, luta fratricida e negadora da solidariedade humana, teremos do quadro uma rápida visão.

Curioso é notar como se perdeu a consciência corporativa nas corporações de carácter económico, consciência que era excelente, mas não pôde resistir ao brilho fulgurante da palavra dos utopistas do século dezoito e dos revolucionários de 89.

Curioso é, também, notar a morosidade no ressurgimento dessa consciência.

Parece-nos não errar quando temos por causa desses factos, no segundo caso — o caso presente — a difícil aceitação do que é sério e implica seriedade de princípios e processos e é conforme a realidade, ainda que não isento de idealismo próprio e, muitas vezes, elevadíssimo de conceitos, tem por parte das massas incultas ou menos cultivadas, pois na natural seriedade se esconde, provavelmente, a centelha electrificante indispensável ao triunfo: no primeiro caso — perda rápida da consciência corporativa — a facilidade, quasi vertigem, perfeita loucura colectiva, com que os povos se deixaram contaminar até o mais fundo das almas pelos princípios falsos em muitos dos seus pontos basilares, mas brilhantíssimos na forma e irresistíveis por falarem a vaidade do homem, ponto sensível de toda a humanidade e, mais ainda, das classes menos favorecidas. Não só a vaidade, mas também a vontade de alcançar um nível superior ao que lhes reservava a

traordinária: a moda ordenou às mulheres que vão fechando os olhos, conservando-os tanto quanto possível naquelas condições ópticas que, em linguagem de tango, se chama «à média luz».

E o certo é que estas banalidades podem trazer consequências graves na roda dos tempos: A confusão dos algarismos na folha dos calendários.

Se isto se verificar, de pois, é que elas confundem os números e não sabem a quantas andam. Nunca mais fazem anos, por falta de visão...

Enfim, elas cerram os olhos, porque é moda e elles tem de os abrir, por cautela. «Hony soyt...».

SINGAPURA GASPAR

sua posição na sociedade que então se afastara um pouco da primitiva característica familiar, pelo aparecimento do Estado absoluto que, em Portugal, teve a sua máxima expressão com D. João V e, mais ainda, com D. José I e Pombal de que não devemos esquecer o racionalismo abstracto que, como muito bem comenta L. de Almeida Braga, «veio a tomar corpo no célebre decreto de 7 de maio de 1834».

Esse decreto foi o que extinguiu em Portugal as Corporações e em que se lê que tudo se extingue, Juiz e Procuradores do Povo, Mestres e Casa dos Vinte e Quatro e os diferentes Grémios porque são «estórvos à Indústria Nacional, que para medrar, muito carece de liberdade», mas depois de dizer que assim se faz para tudo coadunar com os princípios da Carta Constitucional que, sabemos, nada de comum tinha com as tradições, os costumes, a índole do nosso povo!

Doerá este acerto, mas é assim!

Passemos adiante...

Recriações de nada valem já!

### Eng. Gottschalk

Para dirigir os serviços da Hidro Eléctrica do Alto Alentejo, em Nisa, fixou residência nesta Vila o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eng. Luiz Felipe Blanco Felix Gottschalk, a quem apresentamos respeitosos cumprimentos, desejando-lhe muitas prosperidades.

### Eng. Costa Pereira

Após algumas semanas de permanência entre nós, partiu para Lisboa o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eng. Eduardo da José da Costa Pereira, digno funcionario da Hidro Eléctrica do Alto Alentejo.

### Um acto de Benemerencia

O Deputado, Sr. Dr. Rui de Andrade ofereceu para os pobres de Nisa parte dos seus honorários da Assembleia Nacional. Registamos o facto com o mais sincero aplauso, pois ele só revela os seus excelentes predicados morais.

### DE LUTO

Após demorado e doloroso sofrimento, faleceu, no dia 25, o Sr. José Dias Ladeira, gerente aposentado da casa Bucknall & Sons.

Dotado de sólido caracter, grangeou a estima de todos, pelo que o seu funeral, em que se incorporaram inúmeras pessoas de todas as classes sociais foi uma expressiva manifestação de pesar.

A toda a Família, ferida por tão duro golpe, os nossos pezares.

### Edital

José Pereira Fialho Júnior, Inspector Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, faz saber, para execução do disposto no Art.º 17.º do Decreto n.º 31.445, de 4 de Agosto de 1941, que Francisco Roque de Andrade, residente em Vila Velha de Rodam, requereu autorização para instalar um lugar de azeite, incluído na 2.ª classe, com os inconvenientes de cheiro, perigo de incêndio, inquinação das águas, no lugar de Nisa, freguesia do Espírito Santo, Concelho de Nisa.

Quaisquer impugnações ou reclamações sobre a supracitada pretensão, feitas nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas, deverão ser apresentadas, no prazo de 30 dias, a contar da data da afixação do presente edital, na sede da Inspeção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas—Avenida de Berne, n.º 35 Lisboa—onde poderão ser examinados, pelos interessados, os documentos juntos ao respectivo processo.

Inspeção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, Lisboa, 23 de Março de 1946.

O Inspector Geral,  
José Pereira Fialho Júnior

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

# Oiro de Lei

Do livro «Alguns Aspectos Tri- do Problema Social» — Padre Baltazar de Carvalho

Há-de haver sempre pobres e ricos no mundo, sempre quem mande e sempre quem obedeça. Exige-o a harmonia social, a boa ordem das coisas. Não préguemos outra doutrina ao povo, não o iludamos com sistemas falsos e derrotistas com utopias do paraíso neste mundo. Prégue-mos-lhe a verdade com o nosso interesse, com o nosso amor, com o nosso coração pelos párias, pelos miseráveis, pelos desempregados, pelos orfãos e pelas viúvas, por todo esse mundo de tristes e aflitos de alma e de corpo. São todos nossos irmãos, fazem parte da humanidade, têm direito à vida. Ensinemolhe o caminho da honra e do dever, eduquemos os aleijados morais com o nosso exemplo, corrigindo-os e tornando-os homens úteis à sociedade, eduquemos os aleijados de ordem material, que são todos os que querem ganhar honradamente o pão de cada dia e não têm onde, os indevidamente remunerados, os que vertem lágrimas de sangue nos seus tristes e negros tugúrios onde não há pão nas gavetas, nem lume nas lareiras, nem agasalhos para suportar o frio. Eduquemos estes também com o nosso interesse, com o nosso amor, com o nosso auxílio. São todos eles nossos irmãos.

Há-de haver sempre ricos e pobres. Sim, há-de sempre havê-los. O que importa é que os ricos ajudem e amem os pobres, que paguem o justo salário aos seus operários, que respeitem a personalidade humana, que os ajudem nas suas necessidades e aflições, que os dirijam com o seu conselho e com o seu exemplo de nobreza e de dignidade. O que importa é que os pobres respeitem e amem os ricos, que amem e respeitem o que legitimamente lhes pertence, que produzam e trabalhem com amor e com honestidade, que obedeçam com diligência às suas ordens. Rico, ama e acarinha o pobre. Pobre, ama e respeita o rico. Sêde amigos. Exige-o bem comum.

Todos sois precisos que haja harmonia e equilíbrio na sociedade. Harmonia, sim, desunião, não.

E esta harmonia e união seriam tão fáceis brendo na compreensão dos deveres dos que dirigem, orientar as massas pela responsabilidade dos lugares que ocupam. Seria tão fácil com um pouco de vontade, pondo de parte egoísmo, o não-te-rále comodismo de um grande número que fecham os olhos a tudo e que deveriam tê-los bem abertos para ver os perigos e impedir que eles se vão avolumando. Aspectos tristes do problema social, e de todas as horas, e que poderiam mediar-se com tanta facilidade.

Permiti que alguns de tantos, a minha vida, notando e que confirmam a minha afirmativa: poderiam remediar-se com a conciliação. Não se quer mediar e o mal vai aumentando por culpa desses modistas, que tudo de passar pela sua cobardia egoísmo ou incompreensão.

### Quem Canta

A menina que namora pelos olhos se conhece são tristes pela manhã, alegres quando anoitece.

O alentejo não tem sono não a que vem do céu abrigue-se aqui, menino debaixo do meu chapéu.

### Velhos Dizeres

Pão alheio custa caro. Quem a cavalo passa o olho vê a morte.

### Tribuna livre

(conclusão)

gosto... de m-u-i-t-o g-ó-s-t-o, como se já apregoar o espirito do autor da Emissora Nacional.

### Adriano da Conceição

Especializado em lanças Romanas VELADA